

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS
LETRAS: HABILITAÇÃO EM PORTUGUÊS/INGLÊS**

Rodrigo de Souza Arruda

O ENSINO DE LITERATURA EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

**Sorocaba/SP
2023**

Rodrigo de Souza Arruda

O ENSINO DE LITERATURA EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

Trabalho de Projeto de Pesquisa:
Projeto apresentado como exigência
parcial para obtenção do Diploma de
Graduação em Letras:
Português/Inglês, na Universidade
de Sorocaba.

Orientador: Professora Doutora
Daniela Aparecida V. Zanella.

**Sorocaba/SP
2023**

Rodrigo de Souza Arruda

O ENSINO DE LITERATURA EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

Trabalho de Projeto de Pesquisa:
Projeto apresentado como exigência
parcial para obtenção do Diploma de
Graduação em Letras:
Português/Inglês, na Universidade
de Sorocaba.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Prof.(a) Doutora Daniela Aparecida Vendramini Zanella

Universidade de Sorocaba

RESUMO

A abordagem utilizada no ensino de literatura nas escolas públicas brasileiras se mantém a mesma desde meados do século XIX. Sendo ensinada a partir de uma perspectiva conteudista e enciclopédica. As aulas de literatura, muitas vezes, utilizam de textos literários não como objeto básico de análise, mas como exemplificação da teoria didática desenvolvida frequentemente por livros/manuais didáticos e exames. Muitas vezes, os atuais métodos de ensino de literatura têm dificultado a formação de bons leitores nas instituições públicas de ensino médio brasileiro que se demonstram despreparados ao realizar, principalmente, o ENEM. William Cereja, o autor mais utilizado no ensino de Língua Portuguesa no ensino médio pelas escolas públicas no Estado de São Paulo, traz uma nova proposta para um ensino de literatura mais eficaz e proveitoso para a formação de leitores capacitados a partir da perspectiva dialógica. Este trabalho tem como objetivo compreender como o ensino de literatura sob uma perspectiva dialógica pode colaborar para a formação de bons leitores. Embasa-se, teórico-metodologicamente, nos estudos de Bakhtin para se compreender o que está envolvido na leitura de um texto: sua análise e as múltiplas dimensões responsáveis pela construção de sentido. Como resultado, procura-se associar como o ensino de literatura em perspectiva dialógica proposto por William Cereja pode contribuir para a formação de bons leitores.

Palavras-chave: Ensino, Dialogia, Literatura, Didática

ABSTRACT

The approach used in the teaching of literature in Brazilian public schools has remained the same since the mid-nineteenth century. Literature classes often use literary texts not as a basic object of analysis, but as an exemplification of the didactic theory often developed by textbooks/manuals and exams. Often, the current methods of teaching literature have hindered the formation of good readers in public institutions of Brazilian high school that are unprepared when performing, mainly, the ENEM. William Cereja, the author most used in the teaching of Portuguese Language in High School by public schools in the State of São Paulo, brings a new proposal for a more effective and profitable teaching of literature for the formation of qualified readers from the dialogical perspective. This work aims to understand how the teaching of literature from a dialogical perspective can contribute to the formation of good readers. It is based, theoretically-methodologically, on Bakhtin's studies to understand what is involved in the reading of a text: its analysis and the multiple dimensions responsible for the construction of meaning. As a result, we seek to associate how the teaching of literature in a dialogical perspective proposed by William Cereja can contribute to the formation of good readers.

Keywords: Teaching, Dialogue, Literature, Didactics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	9
2.1 A Introdução da Leitura no Brasil.....	11
2.2 A Perspectiva Dialógica.....	12
3. CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA DIALÓGICA SEGUNDO CEREJA	15
4. ANÁLISE DE EXCERTOS DO LIVRO DE CEREJA.....	17
5. METODOLOGIA.....	18
5.1 Procedimentos Metodológicos.....	18
6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	20
REFERÊNCIAS.....	22

1. INTRODUÇÃO

O método de ensino de literatura mais difundido entre as escolas públicas brasileiras é, de longe, um ensino conteudista e enciclopédico (Cereja, 2004, p.56). Geralmente, a metodologia consiste em: uma apresentação panorâmica dos movimentos literários ou estilos de época e dos principais autores e obras e uma linha do tempo pouco detalhada e contextualizada. Desconsiderando a “estilística do gênero” – que se relaciona a diversidade de linguagens expressas na obra, o heterodiscurso, as linguagens socioideológicas, conjugadas ao aspecto dialógico da linguagem (Bakhtin, 2015, p.21).

Os professores, por sua vez, se veem obrigados a trabalhar com tais métodos amplamente aceitos e recomendados por livros e manuais didáticos. Embora o Brasil obtenha resultados insatisfatórios em exames nacionais e internacionais — como no Pisa, no qual o Brasil obteve 413 pontos no nível de leitura; enquanto a média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) foi de 487, conforme divulgado pela OCDE em 2018 —, pouco se oferta soluções para esse problema.

Entre as abordagens de ensino, surge como alternativa o ensino de literatura em perspectiva dialógica, pois leva em conta a especificidade de cada texto como gênero discursivo, bem como o conjunto de elementos que esse conceito implica: modo composicional, tema, estilo, situação de produção, suporte, meio de circulação, papel social dos interlocutores, finalidade da enunciação etc (CEREJA, 2004, p.11).

Nesta direção, este trabalho tem como objetivo compreender como o ensino de literatura sob uma perspectiva dialógica pode colaborar para a formação de bons leitores, conhecendo as influências de modelos retrógrados na educação desde o período colônia, buscando entender as lacunas deixadas pelas mudanças nos modelos educacionais. Sendo assim, Busca-se responder as seguintes perguntas de pesquisa:

1 - O ensino de literatura em perspectiva dialógica pode colaborar para a formação de leitores proficientes no Brasil? De que forma isso é possível?

2 - De que forma a criticidade pode ser ampliada por meio do dialogismo? O ensino de literatura em perspectiva dialógica contribui para uma compreensão

responsável e ativa dos textos, pois recorre a concepção ideológica para embasar a literatura em amplas áreas das atividades humanas.

Nele se pode distinguir e analisar o que está por traz do texto, qual seu contexto, ideologia presente e suas influências. Durante muitos anos a leitura no contexto escolar foi minada, sendo hoje, uma das consequências dos fracassos voltados à leitura, e produção escrita (Cândido, 2002).

Nesta pesquisa, inserida na linha de pesquisa as áreas da Linguística e Literatura do Curso de Letras, discute-se o tema a partir do ponto de vista que a literatura não deve ser encarada como mero texto sem profundidade, nem como instrumento; mas como um discurso que apresenta forma, ideologia, passado e presente

2. A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Cândido (2002) cita que uma das pautas mais relevantes no meio educacional giram em torno da aquisição da linguagem escrita e oral e sua interação social. Com metodologias arcaicas, padrões antigos e falta de incentivo à leitura, tornaram as produções de textos, interpretações e o senso crítico pobre e sem fundo argumentativo, desassociando o locutor e o interlocutor de sua função efetiva.

A história da educação no Brasil pode ser dividida em três momentos: período colonial (1500-1822), período Imperial (1822-1889) e período republicano (1889 até os dias atuais), onde as ideias sobre educação foram inspiradas em modelos europeus que atendiam as necessidades políticas de cada época, associando a leitura a interesses próprios. (GONDRA, 2008).

Para Alves (2005), os jesuítas monopolizaram as escolas, de 1549 até 1759, após a supressão das escolas jesuítas, o estado Português criou as “aulas régias” ou “avulsas” de Latim, grego, e retórica, desaparecendo o curso de Humanidades sendo a leitura nesse momento baseadas em interesses ideológicos e religiosos.

Já Souza (1998), ainda específica que na mesma época em torno de 1824, as metodologias aplicadas pelos mestres eram absolutas, sem permitir discussões que levassem os alunos a uma construção crítica. Houve uma pequena ascensão com os métodos tradicionais e a escola nova, porém os menos favorecidos economicamente ainda não tinham acesso, contribuição diretamente para o elevado número de analfabetos, onde a cultura literária não era incentivada.

Vicentino (2014) cita que somente no ano de 1922 período se destacou “Os Bruzundangas” de Lima Barreto ressaltando a sociedade da época, assim como as desigualdades sociais através de seu discurso literário.

BRASIL (2019) ainda estabelece que a primeira Lei Geral da Educação de outubro de 1827, implantou-se as escolas de primeiras letras, a leitura passou a fazer parte do contexto, em lugares mais populosos, com imposição de conteúdos e metodologias baseadas no ensino mútuo, porém ainda em caráter político e de interesse econômico das classes dominantes.

Em 1930, cria-se Ministério da Educação e Saúde Pública, com titularidade da pasta para Francisco Campos, e o Conselho Nacional de Educação (CNE) ao ser promulgada a Constituição de 1934 contemplou a educação com artigos distintos como a responsabilidade do Governo e da família em relação a educação, assim como seu acesso gratuito a todos A obrigatoriedade para o ensino primário (BRASIL, 2019, p. 22)

Saviani (2004) ainda discorre que a Constituição de 1934 fixava também o Plano Nacional de Educação (PNE), competindo sua elaboração ao Conselho Nacional de Educação, elaborado somente no ano de 1962.

BRASIL (2017) cita que a extensão da obrigatoriedade escolar foi alterada dez anos depois por uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de nº 5.692/1971, que institui o ensino de 1º grau (Ensino Fundamental) obrigatório dos sete aos quatorze anos, com oito anos de duração. Essa também organizou a Educação Básica em 3 etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Barbosa (2006) corrobora que a escola brasileira após suas reformas organizacionais que trouxeram a obrigatoriedade do ensino no Brasil, vindas da Lei de Diretrizes e Bases, é a instituição responsável pelo ensino da leitura e da escrita. Seu papel é alfabetizar os alunos, especialmente quando provêm de grupos sociais pouco letrados. As leituras baseadas na decodificação dos códigos escritos, criticados no século XX, não favorecem a leitura, tanto nos textos acadêmicos como nos oficiais, distanciando das práticas sociais de leitura vivenciadas por diferentes grupos, vários contextos e épocas distintas.

Lajolo (2008) reafirma que ao perceber a urgência em formar leitores, mesmo com tantos problemas cotidianos da escola pública, é necessário a existência da biblioteca escolar, onde o professor deve ser mediador na utilização do espaço, facilitando e incentivando a prática da leitura:

Em busca de mudanças expressivas frente ao ensino brasileiro, destaque o surgimento do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) constitui-se em uma alternativa com propósito de reduzir os problemas relacionados a formação de leitor, e permitindo que os alunos tenham a disposição um acervo de livros gratuitos, provando que tem existido um esforço para mudar as concepções leitoras, que nada mais são que um processo perceptivo e de cognição onde a prática da leitura é capaz de condensar as informações presentes nos diferentes gêneros literários, permitindo que a leitura tenha sentido. (LAJOLO, 2008, p.12).

A explicação acima comprova que muitas mudanças ocorreram no Brasil, no que tange a leitura, escrita, e o incentivo para criar leitores. Essa é

uma tarefa que tem muito a percorrer, em que novas propostas são bem acolhidas.

Lajolo e Zilberman (1991) ainda reafirmam que no Brasil a precariedade referente ao leitor ainda é acentuada, relacionando ao momento da colonização, onde sofriam com a falta de escolas, bibliotecas, livrarias, gráficas, e sendo restrito aos menos favorecidos economicamente. Com isso, os poucos escritores sentiam-se privilegiados e, ao mesmo tempo, desanimados em função de não haver companhia intelectual.

2.1 A Introdução da Leitura no Brasil

Abreu (2000) cita que a leitura envolve vários elementos como: língua, linguagem, autor, livros, leitores, oralidade, transformações, críticas, sociedade, política, comportamento onde a Babilônia foi a percussora no que diz respeito à leitura, e seus povos conseqüentemente tiveram destaques na agricultura, arquitetura, direito e escrita.

Lajolo e Zilberman (1991) esclarece que o Brasil sempre sofreu com a escassez de escritores, em comparação com outros países, onde a produção brasileira mais próxima de um best-seller, no século XVIII, foi a obra *Compêndio Narrativo*, de Nuno Marques Pereira, o qual demonstra preocupação com o público, narrando situações reais ocorridas no país, principalmente relacionadas a moralidade religiosa imposta no período colonial.

Lajolo e Zilberman (1991) ressaltam que a inovação literária, no Brasil, ocorreu com Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama, Silva Alvarenga (05/06/1729-04/07/1789, 10/04/1740-31/07/1795 e 1749-1814). Este último cultua, assim como Gregório de Mattos, porém com maior habilidade, uma crítica ao sistema literário vigente em que as produções eram medíocres, pois, do contrário os leitores não as compreenderiam. Seguindo os padrões europeus.

Kleiman (2002) corrobora que as produções literárias no Brasil foram mudando, se inovando surgindo autores célebres os quais se tem contato até os dias atuais. Mas a história literária no Brasil deixou resquícios, e certa resistência em relação a importância e o hábito da leitura. Por isso, a escola

tem um papel relevante em relação à trajetória histórica da escrita devido sua influência direta na formação de leitores desde os primeiros anos escolares.

Kleiman (2002) adiciona que assim como a continuidade dessa trajetória da escrita, pressupondo o que de fato tem surtido efeito na aprendizagem como fazer da leitura um ato constante no contexto escolar, permitindo que ocorra a participação direta do aluno. O quadro atual advém de padrões educacionais repetitivos, com práticas direcionadas, que não condizem com a realidade do educando, muitas vezes utilizando a leitura com caráter de avaliação.

2.2 A Perspectiva Dialógica

Faraco (2006) explica que a perspectiva dialógica surge da reflexão filosófica bakhtiniana relacionada sobre a vida da linguagem, onde o Círculo de Bakhtin se baseou na metáfora do diálogo com propósito de configurar de forma adequada a representatividade das vozes sociais.

“O universo da cultura é intrinsecamente responsivo, ele se move como se fosse um grande diálogo” (FARACO, 2006, p.57).

Bakhtin (2006) frisa que a perspectiva dialógica é baseada numa narrativa com interação verbal concreta e significativa. Entende-se por dialogia, as questões conexas a linguagem, pressupondo que a relação entre o outro e o eu se manifesta na vivacidade da palavra, diariamente se ouvem coisas más, boas, verdades e inverdades, onde a entonação ao ser expressa possui um movimento dialético acentuado pelos distintos grupos sociais, e esses alimentam a expressividade da entonação.

Brait (2006) corrobora que análise dialógica do discurso, chamada também de translinguística metalinguística, perspectiva dialógica ou teoria/análise dialógica do discurso, ou, ainda, estudos bakhtinianos, surgem do chamado Círculo de Bakhtin no Brasil, no final de 1960 contribuindo para a consolidação da análise dialógica do discurso no país.

A Aprendizagem Dialógica acontece nos diálogos que são igualitários, em interações em que se reconhece a inteligência cultural de todas as pessoas, e está orientada para a transformação do grau inicial de conhecimento e do contexto sociocultural, como meio de alcançar o êxito de todos. As aulas onde a língua materna é ensinada devem se

basear no Círculo de Bakhtin, (AUBERT et al., 2008, p.167 apud BRAIT, 2006, p.167).

Pelo excerto acima, compreende-se que é necessário trazer os discursos reais para o contexto, tornar a literatura parte integrante do cotidiano, num discurso verbal direto, desmistificando antigos métodos.

Sobral (2019) também destaca que no Brasil o estudo sobre análise dialógica do discurso, foi esmiuçada e realmente conhecida pela pesquisadora Beth Brait, devido ao destaque da proposta de estudo de discurso de cunho dialógico que se diferenciava de todas as outras, logo, uma Análise Dialógica do Discurso.

A noção bakhtiniana de gêneros discursivos “permite compreender os enunciados como fenômenos sociais concretos e únicos, constituídos historicamente nas atividades humanas, caracterizados por “um esqueleto” mais ou menos estável, porém, suscetível a determinadas modificações/adaptações”. O uso das linguagens possui interações, onde os diferentes gêneros estão relacionados com a sociedade, o uso que se faz deles, dentro de um contexto histórico, cultural. (BARROS e NASCIMENTO 2007, apud SOBRAL, 2019, p.245).

A partir do trecho acima, infere-se que muito das formas de se trabalhar os gêneros e o discurso verbal da língua materna vem de conceitos antigos no âmbito educacional, sendo ainda o discurso dialógico não adquirido por todos os educadores.

Brait (2017) esclarece que a direção do princípio dialógico parte da ideia de interlocutores organizados e situados de forma social, numa interação presencial, relacionando, o outro, o eu, numa concepção de valores e ideologias em grande tensão.

Brait (2017) ainda ressalta que o dialogismo propõe um elo com fundamento entre interlocutor e locutor, onde viver é fazer parte do diálogo. Através da palavra do outro, num elo de cadeia infinita na qual uma pluralidade de opiniões e visões de mundo seria convergente.

Brait (2009) as obras literárias quando escritas na língua fonte ao chegarem em outros espaços com uma nova linguagem com culturas e modo de vida diferentes, incorporando-se a novos sistemas, é um gesto positivo de acréscimo, ampliando os saberes contribuindo para aquisição de novas formas de leitura, e escrita desse texto, no contexto do atual leitor.

O ato de ler, por ser uma prática social construída por meio de interações verbais dos sujeitos que a constituem, pressupõe espaços de

interlocuções entre autores, leitores e professores, os mediadores do processo onde as experiências, os repertórios intelectuais e os discursos de toda essa comunidade leitora se cruzem nessa atividade real e heterogênea da linguagem, na qual os enunciados também heterogêneos possam caracterizar um espaço em que várias vozes sociais possam se opor, se contradizer e revelar as diferentes formações sociais que permeiam os discursos que ali se encontram (CARVALHO, 2014).

Brasil (2020) ainda ressalta que a leitura é indissociável da escrita. As primeiras leituras do passado influenciaram o hábito leitor, sendo o Brasil diretamente influenciado dentro dessa história. Algumas teorias contribuíram para mudar esse contexto negativo de desapropriação da leitura efetiva, como a Perspectiva Dialógica baseadas no Círculo Bakhtin.

Cereja (2004) esclarece que a perspectiva dialógica do texto literário visa aproximar as abordagens sincrônicas e diacrônicas da literatura, priorizando a leitura do texto e o desenvolvimento de habilidades de leitura. Assim, concluindo que ao criar sequências didáticas, adequando gêneros respeitando especificidades à realidade da sala de aula: a idade e o perfil do aluno, o tempo escolar, o interesse maior ou menor por diferentes obras, tornam a aprendizagem legítima.

3. CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA DIALÓGICA SEGUNDO CEREJA

Cereja (2004) destaca que após uma análise, metodológica, comportamental e social no Ensino Médio, o autor destaca várias dificuldades demonstradas pelos alunos que variam desde a escolha dos gêneros literários, dificuldades de interpretar os livros sugeridos nas aulas, obstáculos nas produções de resumos dos livros impostos pelos professores.

Cereja (2004) destaca, na Proposta Dialógica de Ensino de Literatura no Ensino Médio, umas das dificuldades mais expostas pelos alunos é a linguagem antiga e inacessível exigindo muita atenção do leitor. Junto à linguagem destacam-se a forma monótona das aulas expositivas.

Nesse momento, Cereja (2004) frisa que o baixo poder aquisitivo da população para a compra direta de livros, a falta de bibliotecas escolares ou públicas bem estruturadas e com rico acervo, a falta de um posicionamento claro da parte de alguns professores sobre o prazer e a importância de ler, destacando que muitos professores não leem, também contribuem para aumentar as dificuldades dos alunos nessa faixa etária.

É enaltecido que a literatura é pouco voltada à interação em que (só para localização) muitas vezes se restringem a uma prova, desestimulando e dificultando o envolvimento do aluno, que ao ter condições financeiras será seduzido pela leitura de outros tipos de texto ou por outras atividades culturais veiculadas por outras mídias, como a TV, o cinema, a Internet, os quadrinhos, as revistas.

Cereja (2004) observa que, em se tratando de metodologia e de práticas de ensino de literatura, não existe largo espaço entre escolas particulares e públicas como a maioria das pessoas pensavam, existem lacunas a serem discutidas. O poder aquisitivo dos pais influencia na formação leitora do filho mas não é um fator determinante, sendo observados que alunos de baixa renda de escola pública leem com maior frequência.

Cereja (2004) ainda comenta que algumas práticas para desenvolver o senso crítico, seriam situar o eixo das atividades com os diálogos de diferentes gêneros, mesclando diferentes autores, épocas, culturas, buscando a compreensão das relações entre a cultura brasileira e a cultura de outros povos

e nações, mas também as relações entre a cultura do passado e a cultura contemporânea.

O autor adiciona que as aulas de literatura tem grande importância no contexto escolar, principalmente no Ensino Médio. Porém seu papel, está diretamente ligado a formação de um leitor humanizado, crítico, e uma aprendizagem efetiva. O professor deve estar atento ao utilizarem as obras literárias durante as aulas, cujo foco principal deve ser o desenvolvimento das competências relacionando livro e leitor.

Cereja (2004) explica que uma das maiores vantagens com o trabalho dialógico ao vincular com a tecnologia e, portanto, atento a uma crescente demanda do mundo atual, é, basicamente, formar leitores competentes, capazes de estabelecer relações e entendimentos sobre os textos e sobre como eles se relacionam com o que é importante e presente no seu próprio tempo e contexto, compreendendo melhor o complexo mundo atual.

O autor conclui seu pensamento em relação as contribuições do discurso dialógico com sugestões de planos de aula, voltados a inserir o jovem aluno num mundo globalizado dando a eles maiores chances de sucesso, mais aptidão para lidar com as demandas da sociedade, os encontros de diferentes pessoas, culturas, pensamentos e perspectivas, propiciando a emancipação pessoal do sujeito humano.

A escola, necessita de mudanças que surtam efeitos positivos no que diz respeito às práticas de leitura, aprofundar-se na Perspectiva Dialógica é permitir que o ensino nas aulas de Língua Portuguesa seja mais dinâmico e eficaz.

4. ANÁLISE DE EXCERTOS DO LIVRO DE CEREJA

Para melhor compreensão da proposta de William Cereja, este capítulo traz alguns excertos de seu livro “Ensino de literatura: Uma proposta dialógica para o trabalho com literatura” e análises.

Partindo do pressuposto de que a literatura é parte dinâmica do processo cultural, convém promover um estudo de textos provindo de diferentes áreas das Ciências Humanas, História, a História da Arte, a História da Literatura, a Filosofia, entre outras, que deem conta dessas relações. Neste caso, as aulas se tornariam, mais uma vez, aulas de leitura, porém leitura de textos não literários. As habilidades exploradas nesse tipo de leitura são complexas, pois exigem que o aluno não apenas trabalhe esses textos com as exigências que eles demandam. (CEREJA, 2004, p.307).

A partir do excerto acima, nota-se que o autor tem uma preocupação em aumentar o repertório de leitura dos alunos, sugerindo textos de diferentes áreas a fim de promover e transferir conhecimentos de uma área a outra, buscando uma conjunção do que se adquiriu sobre a linguagem.

O ensino de literatura no ensino médio, a nosso ver, deve estar comprometido, primeiramente, com o desenvolvimento de habilidades de leitura, a fim de que o aluno se transforme num leitor competente de textos literários. Além disso, como a literatura é, a um só tempo, linguagem, discurso e objeto artístico, ela deve ser tomada tanto em sua dimensão comunicativo-interativa, dialógica e estética, quanto em sua dimensão histórica, social e ideológica. (CEREJA, 2004, p.318).

A citação acima realça que promover as habilidades de leitura é prioridade e responsabilidade dos professores, no contexto escolar.

Uma nova proposta de ensino de literatura deve se despojar de alguns preceitos, tão cristalizados quanto sua prática, como o de que o ensino de literatura deva, necessariamente, ser feito pela perspectiva da historiografia literária. Ou, por outro lado, de que a historiografia seja a única causa do enrijecimento dessas práticas de ensino. (CEREJA, 2004, p. 320).

Em relação ao excerto acima, é necessário que a escola se desfaça de antigas metodologias como bem citado, cristalizadas que não promovem a aprendizagem. Em perspectiva dialógica não há espaço para limites estreitos.

5. METODOLOGIA

Neste estudo inserido na linha de pesquisa de Linguística do Curso de Letras, apresenta-se como metodologia da pesquisa científica baseada em referências bibliográficas, com delineamento "revisão de literatura".

Discute-se o tema a partir dos traços deixados por modelos retrógrados referentes ao ensino da leitura no Brasil, com ênfase nas contribuições da Perspectiva Dialógica, e os excertos de William Cereja, após sua observação nas produções de textos realizadas por alunos do Ensino Médio.

5.1 Procedimentos Metodológicos

Para alcançar os objetivos supracitados, apoiam-se, na legitimidade dos estudos teóricos de Lajolo (2008), Brait (2006) e Cereja (2004) sobre o dialogismo, respectivamente. A partir de uma perspectiva dialógica, busca-se compreender o discurso como um elemento construtivo que pode ser dimensionado de maneiras diferentes em textos e discursos específicos e o relacionando-os às práticas de leitura significativas para a formação do leitor.

Inicialmente, busca-se contextualizar a educação vigente nos períodos coloniais e republicanos vistos como uma precariedade, e um sistema excludente priorizando classes econômicas na aquisição de livros e leituras, com foco político e econômico (GONDRA, 2008).

Logo a seguir, se aprofunda na temática do estudo relacionando a perspectiva dialógica como com base nos estudos de Brait (2006) sobre o Círculo de Bakhtin e as características da dialogia no desenvolvimento linguístico em diferentes contextos sociais, significando o processo de ensino aprendizagem. Analisa-se, principalmente, como a construção de sentidos é prioridade na dialogia.

Por fim, as contribuições de William Cereja (2004) tornam a reflexão do tema efetiva sobre o desenvolvimento do estudo desta temática. A partir dos textos selecionados buscou-se entender os reflexos causados por um modelo europeu já extinto, porém deixando resquícios, até a inserção na literatura no contexto escolar, à luz do dialogismo elevando os padrões do uso da leitura nesse contexto com grande contribuição para a educação e os processos de aquisição da linguagem a partir de uma perspectiva dialógica.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este trabalho de conclusão de curso tinha o objetivo de compreender como o ensino de literatura sob uma perspectiva dialógica podem colaborar para a formação de bons leitores, conhecendo as influências de modelos retrógrados na educação desde o período colônia, buscando entender as lacunas deixadas pelas mudanças nos modelos educacionais.

Apresentou um capítulo versando sobre o Histórico da Educação no Brasil, e a participação da leitura no contexto da época. Também apresentou nos capítulos a seguir, as mudanças significativas e a introdução da leitura nas escolas brasileiras, assim como a apresentação da Perspectiva Dialógica e a visão do autor William Cereja sobre as aulas de literatura no Ensino Médio. É fato que o Brasil, durante muitos anos se tornou um ambiente privado de livros ao alcance de todos, caminhando atualmente para um processo formativo de leitor amplo e eficiente.

Viu-se à luz do dialogismo baseados no Círculo de Bakhtin que as escolas devem propor, nas aulas de literatura um diálogo igualitário, transformador que faça sentido para o leitor. A perspectiva dialógica ressalta que a leitura esteja vinculada a realidade social do leitor, assegurando que as aulas se apoiem em debates com a participação dos alunos estimulando neles um posicionamento crítico diante das questões expostas do texto ficcional.

Se bem mediados os textos literários possuem grande valor, promovendo a aquisição de conhecimentos valiosos, tendo o professor um papel relevante ao administrar suas aulas. Devem existir um elo entre ensino dialógico com o ensino conectado, instrumentalizando o aluno para não apenas conhecer ferramentas tecnológicas, mas saber apropriar-se delas para produzir conhecimento e desenvolver-se como agente consciente crítico, e atuante no contexto social

Este trabalho, centrado na abordagem dialógica, e refletido nos motivos do pouco acesso a literatura no Brasil, apresentou a proposta da Perspectiva Dialógica como alternativas práticas para o professor no contexto do uso das tecnologias recentes, cumprindo com seu objetivo de contribuir para inspirar visões e ideias que melhorem continuamente o difícil processo de ensinar literatura atualmente.

Concluindo que a historiografia literária no contexto escolar não é a principal causadora, mas deve ser repensada, refeita, desapropriada.

Sendo assim, a Perspectiva Dialógica pode colaborar para formação de leitores proficientes pautados numa leitura reflexiva, com a participação exclusiva dos alunos envolvidos tornando-os através da participação leitores críticos e abertos para novas perspectivas de mundo.

A Perspectiva Dialógica permite tornar os alunos mais críticos, pois promovem a formação global do sujeito por meio das práticas leitoras de diferentes gêneros, permitindo que o leitor participe das discussões em torno dos livros, aproximando-os de seu contexto de vida.

REFERÊNCIAS

A EMERGÊNCIA, NAS FRONTEIRAS ENTRE LÍNGUA E LITERATURA, DE UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA DE LINGUAGEM. **Bakhtiniana**. São Paulo, 12 (2): 5-23, Maio/Ago. 2017.

ALVES, Leonir Pessate. **Portifólios como instrumentos de avaliação dos processos de ensinagem**. 2005. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/portfolios-como-instrumentos-de-avaliacao-dos-processos-de-ensinagem>. Acesso: 8 de fev. 2023.

ABREU, Márcia (org.). **Leitura, História e história da leitura**. Campinas, SP, Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil / Fapesp, 2000.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2ª ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Sidney. **Caminhos e descaminhos da educação brasileira no século XIX**. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla (org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 2006, p. 59-78.

BRAIT, BETH. **A Personagem**. São Paulo: Contexto, 2017.

BRAIT, Beth. Problemas da poética de Dostoiévski e estudos da linguagem. *In*: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Editora Contexto, 2009. P. 45-72.

BRAIT, Beth; CAMPOS, M. I. B. **Da Rússia czarista à web**. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 15-30.

BRAIT, Beth. **Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise**. *Gragoatá*, n. 20, p. 47-62, 2006.

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO (1934). Constituição da República Federativa do Brasil.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1930-1939/constituicao-1934-16-julho-1934-365196-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 18 fev. 2023

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO (1946). Constituição da República Federativa do Brasil.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.html. Acesso em: 18 fev. 2023.

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO (1988). Constituição da República Federativa do Brasil.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 25 fev. 2023.

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827.** Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html. Acesso em: 18 fev. 2023

BRASIL. **Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 de agosto de 1971. Seção 1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 07 mar. 2023

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.html. Acesso em: 01 mar. 2023.

BRASIL. **Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE.** Disponível em: www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola. Acesso em 18 de fev. 2023.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação. Lei n. 10.172 de 09 de janeiro de 2001.**

Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.html. Acesso em: 15 fev. 2023.

CÂNDIDO, A. A literatura e formação do homem. *In: Textos de Intervenção*. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2002. p. 81-90.

CARVALHO, E. P. Dialogismo e construção de sentidos: Os discursos de alunos educação profissional de jovens e adultos. **Cadernos do IL**, [S. l.], n. 48, p. 006–021, 2014. DOI: 10.22456/2236-6385.36024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/36024>. Acesso em: 20 mar. 2023.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura: Uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Saraiva / Editora Atual, 2004

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. 2ª ed. Curitiba, PR: Criar, 2006.

FREITAS, Eduardo. **A qualidade da educação Brasileira**. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/a-qualidade-educacao-brasileira.html>. Acesso Em: 21. Fev. 2023.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2005.

KLEIMAN, ÂNGELA. **Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da linguagem**. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. São Paulo: Ática, 2008.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

MANGUEL, ALBERTO. **Uma história da leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PIRES, V. L. SOBRAL, Adail. A filosofia primeira de Bakhtin: roteiro de leitura comentado. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2019. 168 páginas. **Bakhtinian a. Revista de Estudos do Discurso**, [S. l.], v. 15, n. 4, p. Port. 228–237 / Eng. 230, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/47703>. Acesso em: 12 fev. 2023.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1ª ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

VICENTINO, CLÁUDIO. DORIGO, GIANPAOLO. **História do Brasil**. Volume único. São Paulo: Editora Scipione, 2014.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura**. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita. Livro e literatura no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1991.